

RESENHA DO LIVRO “IHGRGS: 100 ANOS DE PRODUÇÃO HISTÓRICA E CUSTÓDIA DE ACERVOS”

Jefferson Teles Martins¹

O livro **IHGRGS: 100 anos de produção histórica e custódia de acervos** reúne seis capítulos que abordam diferentes perspectivas das contribuições que o IHGRGS deu (e segue dando) à produção do conhecimento histórico e à comunidade de pesquisadores interessados pelo Rio Grande do Sul.

Em “*Homens de letras, homens de armas, homens políticos: os especialistas do passado e o Instituto Histórico Provincial*”, Luciana Fernandes Boeira segue a trilha historiográfica aberta por Manoel Luiz Salgado Guimarães que, no seu conhecido artigo “*Nação e Civilização dos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma História Nacional*”, delineou o processo de construção do edifício da memória nacional a partir de um lugar de produção historiográfica inspirado em academias letradas europeias: o IHGB – instituição criada sob a proteção do império e com o propósito explícito de defender o projeto nacional bragantino.

Boeira remonta a busca de filiação do Instituto Histórico Geográfico da Província de São Pedro (IHGPSP) ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e as dificuldades encontradas pela associação provincial em obter o reconhecimento dos pares do Rio de Janeiro. As dificuldades e a resistência advinham do fato dos letrados nacionais verem com desconfiança o surgimento de uma instituição que reivindicava o direito de escrever parte da história nacional em uma província que há menos de vinte anos havia sido palco de uma revolta que desafiara a monarquia e ameaçara o pacto nacional. A autora diz que naquele momento os homens de armas da província de São Pedro desejavam se aparelhar de “pena e tinta” para escreverem a história da parte mais meridional do Brasil e, assim, mostrarem o seu valor, não apenas na defesa das fronteiras pelas armas, mas também através dos “plácidos valores da inteligência”. Esse aspecto reaparece no século seguinte entre os intelectuais locais, ou seja, a busca pelo reconhecimento das virtudes morais e da inteligência dos sul-rio-grandenses como forma de habilitação para a liderança nacional.

Na busca pelo reconhecimento pelo IHGB, uma das estratégias usadas pelos letrados da província foi a colaboração de Pereira Coruja, radicado no Rio de Janeiro, junto ao Instituto nacional. A autora lembra que Sandra Pesavento (2003) apontou Coruja como sendo o “desterrado per-

1 Doutor em História, membro efetivo do IHGRGS.

manente” que mais contribuiu para a afirmação da Província de São Pedro como parte pertencente a nação brasileira. Na mesma linha, Alexandre Lazzari (2004) o descreveu como “embaixador intelectual” rio-grandense no Rio de Janeiro.

Vale destacar que, para Boeira, a filiação ao IHGB representava a garantia de que o Rio Grande do Sul “teria assegurada e reconhecida a sua colaboração para a formação da nação” (p. 21). Nesse sentido, a autora destaca a defesa do pertencimento dos rio-grandenses ao todo nacional destacando a atuação de José Antônio do Valle Caldre e Fião, orador do IHGPSP, que, apesar das ideias políticas ligadas ao Partido Liberal Progressista – que fazia a defesa da autonomia da província em relação ao centro do país – era monarquista (p. 28). Boeira cita o discurso inaugural da revista do IHGPSP, no qual Caldre e Fião destaca que a intenção do instituto provincial era estudar “os feitos dos heróis rio-grandenses nos episódios em que estiveram envolvidos como defensores da monarquia, das fronteiras do país e das lutas nacionais” (p. 30).

Por fim, a autora avança estabelecendo uma linha de continuidade entre o IHGPSP, o Partenon Literário e o IHGRGS, este último fundado em 1920. Para Boeira, o Partenon Literário, herdeiro do IHGPSP, optou pela construção da identidade regional atrelada ao nacional “via consagração da Revolução Farroupilha como grande evento que coroa essa escolha pela nacionalidade”. O IHGRGS seguiu os “rastros” do antigo instituto provincial com o “objetivo de colaborar para a afirmação da identidade nacional” (p. 48). Nas primeiras décadas do século XX, o Rio Grande do Sul tinha dificuldades de ser representado como parte do Brasil. Nesse contexto, no qual o IHGRGS foi criado, buscou-se através da afirmação do pertencimento do Rio Grande do Sul aos quadros da nacionalidade, garantir aos intelectuais sul-rio-grandenses a possibilidade de contribuírem na construção da identidade nacional, e aos políticos do estado um lugar de liderança na política nacional (Gutfreind 1989; Nedel 1999). Portanto, a ideia que levou os homens de letras e armas do século XIX a criarem o IHGPSP permaneceu latente e viva até o surgimento da associação centenária – o IHGRGS – que deu corpo e forma àquela ideia.

Em “De pária a sentinela: o gaúcho da historiografia brasileira”, Leticia Borges Nedel faz a análise dos processos implicados na produção da identidade regional calcada na figura do “gaúcho”, destacando o papel da história enquanto instância disciplinadora da memória social a partir do exame das condições pelas quais passaram a seleção dos repertórios identitários. Nos anos 1980 já havia surgido trabalhos críticos sobre a temática do processo de nobilitação do gaúcho, de pária social a herói. A preocupa-

ção desses estudos era desmitificar a figura do gaúcho-herói revelando a origem marginal do tipo social habitante dos pampas, como o artigo “*As mentiras sobre o gaúcho: primeiras contribuições da literatura*”, de Sergius Gonzaga, na conhecida obra *RS: Cultura e Ideologia*. O objetivo de Nedel não é o de produzir um desmentido sobre a heroicidade do gaúcho ou descrever o processo de apropriação nobilitante do tipo gentílico dos pampas, mas a atenção da autora se volta para as “escalas em que se opera com o mesmo personagem” esse processo de nobilitação dentro de diferentes tradições intelectuais que perpassa três países e distintos campos ou áreas de atuação intelectual.

Letícia Nedel parte da contatação da “homologia entre os repertórios nacionais” que permite pensar em um “paradigma transnacional” (p. 56) de formalização dos atributos nacionais. Assim, assinala que diferentes tradições gauchescas emergiram no Brasil, Argentina e Uruguai concentrando a atenção de diferentes linhagens de escritores sobre a cultura de um grupo marginalizado e alicerçando diferentes identidades territoriais “sobre uma mesma alegoria – a do centauro dos pampas” (p. 60).

Seu exame explora, em especial, a atuação dos eruditos em história no processo de formalização da identidade regional através do “desenvolvimento da história enquanto forma de conhecimento e instância disciplinadora da memória social”. Nesse sentido, os historiadores do IHGRGS tiveram papel primordial na constituição do discurso nobilitante do gaúcho, através de estratégias discursivas que o ligavam ao tronco lusitano, separando-o do seu irmão bivitelino: o gaúcho platino. O gaúcho que emergiu da “memória histórica elaborada pelos intelectuais ‘animados pelo conforto moral’ do ‘emérito’ governo do Rio Grande” serviu “de âncora ao domínio português sobre a ponta austral da América do Sul”. Surgindo assim o “sentinela do Brasil”. A autora mostra que a história sul-rio-grandense fez um percurso inverso à literatura do estado. Enquanto esta partiu de um afastamento inicial da gauchesca platina rumo a uma aproximação crescente, a primeira partiu de uma aproximação inicial com o Prata e rumou para o distanciamento.

Esse capítulo de Letícia Nedel faz parte de sua tese “*Um passado novo para uma história em crise: regionalismo e folcloristas no Rio Grande do Sul (1948-1965)*”, de 2005, que trouxe enorme contribuição para os estudos de historiografia e intelectuais sul-rio-grandenses. Hoje distantes várias décadas daqueles eruditos em história local podemos olhar para eles e seus trabalhos sem a preocupação laudatória tampouco depreciativa, mas buscando entendê-los no seu tempo e dentro de suas tradições de formação intelectual e geracional.

Zélia Guareschi Fioreze, no capítulo “*Uma leitura geográfica da produção do IHGRGS*”, traz uma contribuição à história do pensamento geográfico no Rio Grande do Sul através do IHGRGS. Para isso, a autora analisa o papel do IHGRGS como instituição histórica e geográfica na construção e representação do território e da identidade regional, privilegiando os debates e discursos veiculados na revista do Instituto sobre os temas de território e geografia. Aliando análise qualitativa e de conteúdo e detendo-se sobre 40 **títulos da revista do IHGRGS, a autora resgata as discussões e contribuições do IHGRGS à produção do conhecimento geográfico no estado.** A autora delimitou sete temas que nortearam sua análise: a descrição do espaço natural; a cartografia e a representação do território; as questões territoriais e a demarcação de limites; a formação e a ocupação do território; a toponímia indígena; a estrutura de transporte e comunicação e; a visão do homem gaúcho. Zélia Fioreze é uma das poucas pesquisadoras acadêmicas que se dedicou à leitura geográfica da produção do IHGRGS, por isso sua importância do seu trabalho.

No capítulo “*Republicanos e dissidentes: usos e potencialidades de acervos do IHGRGS para a compreensão da política rio-grandense*”, Tassiana Maria Parcianello Saccol centrando sua análise sobre políticos dissidentes do PRR e a partir de documentação composta por correspondências, telegramas e jornais – documentação que faz parte dos arquivos pessoais presentes no IHGRGS - formula reflexões sobre o “PRR enquanto partido de oposição e situação, as dinâmicas intrapartidárias e as constantes disputas entre suas lideranças”. A autora pontua as limitações de interpretações de trabalhos que apresentaram o PRR como um partido “disciplinado, homogêneo e coeso”. Através do cruzamento de fontes públicas e privadas percebeu uma série de fatores não puramente ideológicos que estavam presentes nas rupturas partidárias, tais como “disputas facciosas, possibilidades de beneficiamento de amigos e correligionários, querelas ligadas ao prestígio e à honra familiar, rivalidades acerca de lugares na estrutura partidária e governamental” (p. 134). Esses fatores às vezes ficam subsumidos naqueles trabalhos. Desta forma, Saccol relativiza as interpretações de autores já consagrados como Célio Pinto (1979) e Héglio Trindade (1979).

Analizando a correspondência de Apolinário Porto Alegre, a autora traz esclarecimentos sobre as estratégias eleitorais empregadas pelos agentes políticos nas últimas décadas do século XIX, cujo sucesso demandava o apoio dos líderes locais que eram “peças-chave” nas eleições. Também reflete sobre outras razões decisivas nas lutas e rupturas intrapartidárias para além das motivações ideológicas, entre elas as disputas em torno da honra e do prestígio. Pela análise da correspondência de Aparício Mariense da Silva, Tassiana Saccol expõe outra ordem de questões que incidiam so-

bre as rupturas dentro do PRR: o benefício ou prejuízo dos correligionários em decorrência de alguma ação do partido ou governo. Saccol propõe que tanto as questões da “pequena política” como da “grande política” merecem atenção do investigador histórico no processo de escrutínio da política regional do final do século XIX e início do XX.

Tassiana Saccol se coloca em meio ao debate historiográfico com a confiança de quem conhece as fontes, os arquivos e as discussões de um dos campos mais produtivos e consagrados da historiografia sul-rio-grandense, a história política. Suas reflexões trazem contribuição ao qualificado debate historiográfico da área.

No capítulo “*Cartografia histórica e o acervo do IHGRGS*”, Daniela Marzola Fialho, José Daniel Craidy Simões e Clarissa Maroneze Garcia apresentam a mapoteca do IHGRGS ressaltando sua “relevância histórica e documental singular” para a produção do conhecimento no estado em diversas áreas como história, geografia, arquitetura e urbanismo. Primeiramente, oferecem ao leitor uma visão geral do acervo da mapoteca que reúne centenas de mapas originais impressos e alguns manuscritos, e, depois, fazem a acurada análise de alguns mapas do Rio Grande do Sul e de Porto Alegre presentes no acervo. Destacam-se entre os mapas apresentados o “*Mappa da Província de San Pedro*” de José Pedro César, anexo de “*Annaes da Província de São Pedro*” (1839), do Visconde de São Leopoldo, e a “*Planta da Cidade de Porto-Allegre*”, de Luiz Pereira Dias, de 1839.

Por fim, no capítulo “*A revista do IHGRGS: o mais belo sintoma de vida do Instituto*”, Jefferson Teles Martins demonstra o papel central da revista do IHGRGS como suporte material que ajudou a organizar e divulgar a agenda intelectual proposta pelos historiadores reunidos no IHGRGS e, ainda, como a revista se tornou “atestado de benemerência” da instituição. Também analisa as relações e as hierarquias dos membros do IHGRGS, utilizando como índice desta avaliação a revista do IHGRGS. O autor inspirado na proposição teórico-metodológica de Jean Pierre Sirinelli de que as revistas devem ser analisadas como “estruturas elementares de sociabilidade” dentro dos estudos intelectuais, analisa as posições dos agentes intelectuais dentro da hierarquia institucional através da sua participação na redação da revista e nas publicações.